

# ARTE EM QUESTÕES

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Marques, Isabel

Arte em questões / Isabel Marques, Fábio Brazil. -- 2. ed. -- São Paulo :  
Cortez, 2014.

ISBN 978-85-249-2193-3

1. Arte - Estudo e ensino I. Brazil, Fábio. II. Título.

14-03111

CDD-707

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arte : Estudo e ensino 707

Isabel Marques  
Fábio Brazil

ARTE  
EM  
QUESTÕES

2ª edição

1ª reimpressão

CORTEZ  
EDITORA

ARTE EM QUESTÕES

Isabel Marques • Fábio Brazil

*Capa:* de Sign Arte Visual

*Preparação de originais:* Solange Martins

*Revisão:* Patrícia Zagni

*Composição:* Linea Editora Ltda.

*Coordenação editorial:* Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

© 2014 by Autores

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

Rua Monte Alegre, 1074 — Perdizes

05009-000 — São Paulo — SP

Tel.: (11) 3864-0111 Fax: (11) 3864-4290

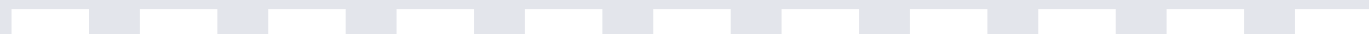
E-mail: [cortez@cortezeditora.com.br](mailto:cortez@cortezeditora.com.br)

[www.cortezeditora.com.br](http://www.cortezeditora.com.br)

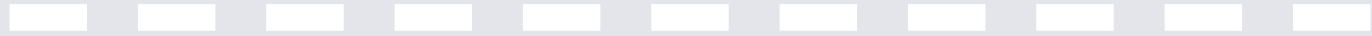
Impresso no Brasil — janeiro de 2021

**Para Anna Cândia,  
que diariamente nos lembra  
que arte, educação e vida  
nunca se separam.**

# Sumário



Apresentação à 2ª edição .....	9
Apresentação à 1ª edição .....	11
Prefácio à 1ª edição: a bailarina e o poeta, por Ana Mae Barbosa.....	15
1. Arte na escola?.....	21
2. Arte para quê?.....	27
3. O que a arte ensina?.....	33
4. O que se espera da Arte?.....	40
5. Quem ensina Arte?.....	47
6. Arte, quem não sabe ensina?.....	52
7. O que o artista ensina? .....	58
8. Quem forma os artistas? .....	64



9. Arte fora da escola?.....	74
10. O que é o social na Arte?.....	82
11. Arte é processo ou produto?.....	92
12. Arte se planeja?.....	101
13. Arte se avalia? .....	108
14. E a arte do aluno?.....	118
15. Arte é repertório?.....	127
16. Arte é política?.....	140
17. Quem frequenta a arte?.....	151
18. Arte só na arte?.....	160
Referências.....	171



## Apresentação à 2ª edição

A 2ª edição do livro *Arte em questões* é, para nós, uma confirmação daquilo que Ana Mae Barbosa afirmou no prefácio à 1ª edição: “este livro que [Isabel e Fábio] acabam de escrever é não somente necessário, mas acalentador. Enfrenta todos os dilemas, preconceitos, slogans e lugares-comuns que rodeiam o ensino das artes”. E assim tem sido desde a 1ª edição em 2012: *Arte em questões* foi amplamente lido e acolhido por professores, gestores e pais que encontraram nesta leitura não somente uma forma de refletir sobre o ensino de Arte, mas também de ressignificar suas práticas em salas de aula.

Como coroamento dessa aceitação e pertinência das questões que aqui propomos, o livro *Arte em questões* foi finalista do Prêmio Jabuti 2013. E agora, em 2014, passa a fazer parte – juntamente com os livros *Ensino de dança hoje* e *Dançando na escola* – do catálogo da Cortez Editora, que tem em sua longa trajetória a tradição de apoiar e inovar o mercado editorial voltado para a arte/educação.

Com esta 2ª edição, reiteramos nossa intenção de contribuir para que a arte integre de forma articulada e crítica os currículos das escolas, os programas de governo e as propostas de instituições e ONGs. Aqui, impor-

tam-nos as perguntas e as possibilidades de lançar pontes entre a arte fruída socialmente e a Arte em processos de ensino e aprendizagem; importam-nos as questões e a provocação para que diferentes respostas sejam construídas nas práticas em diálogos entre estudantes, professores, gestores, artistas e comunidade.

Ao mergulharmos novamente nas questões aqui propostas, revisamos todos os artigos, aparando arestas e retomando conceitos para que ficassem mais claros e viabilizassem desdobramentos, discussões e práticas. *Arte em questões* continua temperado de posicionamentos, provocações e problematizações a respeito do ensino de Arte em suas diferentes linguagens, pois estas foram as marcas dos primeiros artigos publicados na internet em 2005 e que continuam presentes nesta edição. Acreditamos que essa é uma maneira possível de gerar diálogos críticos para que cada leitor possa também se posicionar, questionar e problematizar o ensino de Arte.

Boa leitura!

*Isabel Marques e Fábio Brazil*  
São Paulo, março de 2014.

## Apresentação à 1ª Edição

Entre um sinal e o outro, entre a chamada e o alvoroço final, entre as tentativas de início e algum fechamento, entre os pedidos de silêncio e a despedida, entre as urgentes conversas paralelas e a recolha de alguma produção, entre a arrumação inicial da sala e sua limpeza, alguns professores dedicados e convictos efetivamente ensinam Arte nas escolas.

Como conseguem? O que fazem? Como administram o tempo? — sempre escasso. Como conquistam materiais? — sempre precários. Como contornam o espaço? — sempre insuficiente. Como lidam com as salas? — sempre lotadas. Como conquistam o respeito de alunos e colegas? — sempre desdenhosos em relação ao ensino de Arte. Não sabemos, mas admiramos.

Por sorte, conhecemos alguns desses professores de Arte. Não é difícil encontrá-los: estão nas oficinas gratuitas promovidas pelas mais diversas instituições, pois o salário nem sempre lhes permite pagar por outros cursos; estão nas palestras daqueles que pesquisam o ensino de Arte, pois o tempo e o salário de que dispõem nem sempre lhes permitem frequentar cursos de especialização; estão nos programas de governo ou de instituições que oferecem cursos e oficinas, pois entendem que precisam sempre continuar aprendendo.

Não são muitos, sabemos. Mesmo sendo uma minoria, são esses professores ativos, pesquisadores, conscientes de seu papel que fazem diferença para os estudantes, as escolas e a sociedade. Foi principalmente para eles, em nome deles, por causa deles, que iniciamos a escrita dos artigos que compõem este livro. Se eles conseguem, outros mais podem conseguir.

No entanto, com esta publicação, nossa ideia não é passar fórmulas ou dicas de como ensinar Arte. Aqui não serão encontradas descrições de atividades, truques coreográficos, maneios com materiais, técnicas para serem decoradas e aplicadas. Simplesmente por não ser isso que os professores que admiramos querem, buscam ou precisam, e, principalmente, não foi isso que aprendemos com eles. Oferecer-lhes atividades desconectadas de programas e planejamentos, oferecer-lhes truques de construção de clichês, oferecer-lhes maneios de realização de obviedades, oferecer-lhes técnicas de construção de virtuosos ou badulaques seria um desrespeito ao trabalho e à inteligência desses professores de Arte.

A ideia deste livro, bem como da publicação anterior da maioria destes artigos na *internet*, foi estabelecer diálogos, não somente com o professor de Arte, mas com todos os envolvidos de alguma forma com o ensino de Música, Dança, Artes Visuais, Teatro e Poesia em instituições de ensino. Interessa-nos que esse diálogo, primeiramente voltado à escola formal, também possa se estender aos professores que ensinam música, dança, artes visuais, teatro, poesia em projetos sociais e governamentais, em academias e conservatórios, em institutos e instituições.

Nesse diálogo, não podíamos esquecer os estudantes que têm direito a um ensino consistente de Arte; não podíamos deixar de convidar os artistas, que muitas vezes encontram no ensino a sua sobrevivência; não podíamos deixar de convidar os gestores de escolas ou instituições, que muitas vezes pouco ou nada sabem sobre o ensino de Arte; não podíamos deixar de convocar os pesquisadores, que ampliam e arejam as práticas de sala de

aula. Principalmente, não podíamos deixar de solicitar a presença do cidadão, que exercendo ou não qualquer dos papéis atuantes nesse diálogo, é um de seus maiores implicados. Professor é cidadão, aluno é cidadão, gestor é cidadão, artista é cidadão, pesquisador é cidadão. A nosso ver, o diálogo aqui proposto, a rigor, interessaria a todos — cidadãos.

A primeira publicação da maioria destes artigos, há seis anos, respondeu ao convite de Luís Eduardo de Carvalho, então editor de *Arte&Cultura* no site da Agência Carta Maior, o que favorecia o diálogo proposto. Aquele meio, digital, com a possibilidade de resposta e intervenção imediata por parte do leitor, trouxe muitas contribuições, novos olhares, ponderações e reafirmações. A repercussão foi tanta que escrevemos quinze artigos discutindo e levantando questões que abarcam as diferentes interfaces entre arte e educação. A tônica geral desses artigos era afirmar que sem arte não há educação, que não há educação que prescindida da arte.

Se a tônica continua a mesma, seria impossível revisitar estes artigos ignorando as diversas contribuições daquele momento e, tampouco, as discussões e reflexões ocorridas nos últimos seis anos. Editamos aqui, revisados e ampliados, os artigos publicados na internet. Os artigos iniciais foram repensados e atualizados, acrescidos de outros artigos que entendemos faltar ao conjunto dessa reflexão.

A publicação dos artigos de 2005 em outro meio exige outras formas e oferece outras possibilidades. Publicar aqueles artigos da internet em livro trouxe novas demandas textuais e conceituais; se perdemos a possibilidade digital de responder rapidamente a um aparte ou acolhermos uma crítica, com a publicação em livro, ganhamos a responsabilidade de esclarecer obscuridades, revisar conceitos, depurar o texto de velocidades e imprecisões. Contudo, o convite e a necessidade do diálogo permanecem, seja pela forma gráfica que escolhermos, seja pelo uso do blog *Arte em Questões* que acompanha essa publicação em papel.

A ideia de publicar os artigos revistos, ampliados e acrescidos veio no contexto de uma comemoração. Em 2012, o Caleidos Cia. de Dança completa quinze anos de trabalhos voltados, justamente, para as relações híbridas entre arte e educação. Nada mais adequado do que comemorar esses quinze anos compilando em livro os artigos escritos por seus diretores sobre essas relações. São quinze anos reiterando nossa proposta de que é possível e desejável compreendermos arte e educação como indissociáveis. Contemplados pela 10ª. edição do Programa de Fomento à Dança do Município de São Paulo, esse projeto tornou-se possível.

Os artigos que compõem este livro são perguntas e, ao mesmo tempo, afirmações. Conforme dizia Paulo Freire, o diálogo só é possível a partir de afirmações, mesmo que discordantes. Neste livro, afirmamos perguntando, para refletir, para provocar, para problematizar, para gerar movimento em questões por vezes cristalizadas ou ignoradas pelos sistemas estabelecidos da arte e da educação. *Arte em questões* se propõe, acima de tudo, a estabelecer diálogos entre essas duas áreas de conhecimento.

Para finalizar, aproveitamos aqui para agradecer especialmente a Luís Eduardo de Carvalho pelo convite, revisão cuidadosa, incentivo e publicação dos artigos originais que compõem *Arte em questões* e aos milhares de leitores que até hoje postam seus comentários no *site* da Agência Carta Maior.

Dedicamos este livro aos professores de Arte e a todos os professores que ensinam arte. São eles os protagonistas das relações entre arte e educação, os interlocutores privilegiados entre os estudantes e a arte — responsáveis pela construção de uma sociedade que pode, enfim, ser definida pelas relações que se estabelecem entre arte e educação.

*Isabel Marques e Fábio Brazil*  
São Paulo, abril de 2012

# Prefácio à 1ª edição

A bailarina e o poeta

*Ana Mae Barbosa*

**S**empre tive grande admiração por Isabel Marques cujo trabalho acompanho há muito tempo, desde sua colaboração com a Secretaria Municipal de Educação no tempo de Paulo Freire, durante seu período como professora da UNICAMP e através do Caleidos, esta empreitada em prol da aprendizagem da Arte em geral e da Dança na Educação em particular, que ela e Fábio Brazil construíram com toda coragem e que tem tanto sucesso em formar professores conscientes e criativos. O livro que acabam de escrever é não somente necessário mas acalentador. Enfrenta todos os dilemas, preconceitos, slogans e lugares-comuns que rodeiam o ensino das artes.

Os dois jovens, Isabel e Fábio, uma bailarina e um poeta, rejeitaram a acomodação da Universidade para enfrentar com maior autonomia as incertezas da sobrevivência, mas alcançar a realização de um ideal: influir na transformação das escolas.

A associação de bailarinos, poetas e artistas plásticos foi uma das estratégias mais bem-sucedidas dos primeiros modernistas para criar novas linguagens expressivas e para conquistar o público.

A história registra que o grande sucesso dos Ballets russos de Diaghilev (1909-1929) se deveu principalmente à associação com artistas plásticos famosos que circulavam em torno do diretor, animador e mecenas Diaghilev e da revista *Monde de l'Art*, que mantinha com Léon Bakst e Alexandre Benois, os quais assinaram muitas cenografias e figurinos de grande sucesso. Estes dois artistas ficaram tão famosos na época que Chanel intitulou sua coleção de 1924, especialmente desenhada para a temporada dos Jogos Olímpicos em Paris, de “Estilo Bakst”.

Diaghilev, mesmo antes de criar sua companhia de Dança, tinha muito prestígio entre os artistas plásticos de vanguarda, pois organizou em 1906 no Salão dos Independentes uma exposição de pintura russa.

Os Ballets Russos de Diaghilev contaram com a colaboração poética e plástica de Jean Cocteau (*Le Dieu Blue* — 1912; *Oedipus Rex* — 1927 etc.), e cenografias, figurinos e/ou desenho gráfico de Picasso (*Parade* — 1917), de Derain, Braque (*Les fâcheux* — 1924, *Salade* — 1924, *Zéphyre et Flore* — 1925), Matisse (*O canto do Rouxinol* — 1920), Rouault (*Le fils prodigue* — 1929), Larionov (*Le Renard* — 1929), Gontcharova (*Le Coq d'Or* — 1914) e muitos outros artistas.

Miro e Max Ernst também contribuíram para *Romeu e Julieta* com Nijinski como primeiro bailarino em 1926 a pedido de Diaghilev.

Além destas muito conhecidas experiências, também ficaram famosos pela associação de artistas plásticos com bailarinos e coreógrafos os Ballets de Monte Carlo e os Ballets Suecos. Estes últimos tiveram como estrela principal Fernand Leger.

Os Ballets Suecos foram criados em 1920 por Rolf de Maré, descobridor de Josephine Baker, um homem sem preconceitos numa Europa pré-nazista tão sufocada por eles.

Rolf de Maré foi um ousado defensor da negritude, tornando-se o mecenas do espetáculo *Revue Nègre* e criador dos Arquivos Internacionais de Dança (1931). Foram seus convidados para fazer cenografia e vestuário: De Chirico (*La Jarre* — 1924); Picabia (*Relâche*), Foujita (*Le Tournoi Singulier*) e finalmente o mais bem-sucedido deles, Leger, com o extraordinário trabalho para *Skating Ring* (1922) e *A Criação do Mundo* (1923). Fotos dos Ballets cenografados por Leger foram apresentadas na retrospectiva do artista no MOMA em 1997.

Os projetos europeus em direção à “arte total” incorporavam pintura, poesia, música e dança e rejeitavam a separação das Artes em instituições que as isolassem umas das outras, como museus e teatros.

As vanguardas não só queriam transformar mas principalmente totalizar a Arte.

A dança teve no projeto Moderno importância capital porque é através do corpo que os sentidos estão associados. O corpo instrumento da dança realiza a síntese perceptiva e, através do movimento, espaço e tempo se combinam em uma unidade.

Neste sentido a nossa introdução ao modernismo na Semana de Arte Moderna foi muito mais próxima aos modelos da vanguarda europeia do que o Armory Show, evento responsável pela eclosão do modernismo nos Estados Unidos, o qual foi centrado exclusivamente nas Artes Plásticas.

O bailado de Yvonne Daumerie foi um dos eventos da Semana de Arte Moderna de 22 que, este ano (2012), completa 90 anos.

Nossa Semana de Arte Moderna incorporou todas as Artes, como almejaram fazer os vanguardistas do Cabaret Voltaire (Zurique — 1916) Sophie

Taeuber, Tristan Tzara; da Bauhaus, como Kandinsky e Oskar Schlemmer (Ballet Triádico) e de Monte Verita, a escola de Laban na Suíça.

Laban foi uma influência dominante e participou do ideal da “arte total” tão explicitamente buscado por seus discípulos, como Mary Wigman e Hugo Ball.

Também influenciou Aurélio Milloss, húngaro radicado na Itália, contratado para dirigir o Balé do IV Centenário de São Paulo, que começou a profissionalização de bailarinos no Brasil. Participaram do Balé do IV Centenário de São Paulo Marika Gidali, Eva Wilma, Décio Otero, Ismael Guiser, Addy Addor, Yoko Okada, Yolanda Verdie, Neyde Rossi, Ruth Rachou e muitos outros que depois fizeram escola, desenvolvendo a dança no Brasil.

Foram contratados para os figurinos e cenários artistas do Brasil de sucesso na época: Noemia Mourão (*Fantasia Brasileira*), Clovis Graciano (*Uirapuru*), Flavio de Carvalho (*Cangaceira*), Di Cavalcanti (*Lenda do Amor Impossível*), Lasar Segall (*O Mandarin Maravilhoso*), Darcy Penteadó (*Sonata de Angústia*), Irene Ruchti (*As Quatro Estações*), Santa Rosa (*Deliciae Populi*), Oswald de Andrade Filho (*Bolero*), Roberto Burle Marx (*Petrouchka*), Quirino da Silva (*Sonata de Angústia*), Portinari etc.

Leger parece ter inspirado alguns motivos das cenografias de Di Cavalcanti. Só três estrangeiros foram contratados: o português Anahory e os italianos Toti Scialoja e Aldo Calvo.

Milloss já havia trabalhado com muitos outros artistas famosos, inclusive com De Chirico, que fez a cenografia de *Anfione* baseado em drama poético de Paul Valery (1931) e também *A Lenda de José*, em 1951 e *Don Quixote*, em 1953.

Portanto, a sistematização da dança espetáculo no Brasil se fez sob o signo da interdisciplinaridade que hoje preside o livro de Isabel e Fábio, dois artistas, um da palavra e outro do movimento, que se completam e atuam tão positivamente na educação.

A história da dança demorou a chegar à escola primária e secundária e diria que precisamos de umas mil Isabéis para realmente vermos ali o lugar da dança ser ocupado seriamente.

Maria Duchennes, em São Paulo, ex-aluna de Laban, começou a preparar com muito empenho os primeiros professores que atuavam na escola nas décadas de 1970/1980, mas atuavam nas escolas particulares ou especializadas em dança, pois já se desconfiava que o ballet chamado clássico pouco desenvolvia os movimentos e a imaginação, pelo contrário, os domava.

Ela foi uma mulher notável. Ficou paraplégica e se dedicou ao ensino, algo raro naquela época, quando uma deficiência física condenava a pessoa a viver isolada.

Quando criamos a Escolinha de Arte de São Paulo (1968-1971) com a ajuda de José Mindlin, nossa professora de dança, Maria Helena Guglielmo, era aluna de D. Maria e muito boa. Ex-alunas de D. Maria fizeram enorme sucesso na Semana de Arte e Ensino (1980), o primeiro encontro de Arte/Educação da USP, mostrando a liberdade de movimentos que propiciavam às crianças, embora sistematizando-os.

Se do ponto de vista da cultura pedagógica paulista D. Maria abriu caminho para a formação de professores de dança, Isabel alargou-o, construiu pontes, edificou com bases sólidas, ampliando em suas experiências com professores o conhecimento sobre dança na escola, nunca se negando a interferir em redes de ensino quando convidada a fazê-lo e principalmente escrevendo livros que o professor não especializado pode entender e que os professores de dança usam como bíblia, pois são bem pensados e passam pelo crivo anterior da prática.

Obrigada, Isabel e Fábio, por terem me convidado a entrar nesta conversa com vocês.



# 1

## Arte na escola?

Tente lembrar o nome de seu professor<sup>1</sup> de Educação Artística do “ginásio”. Tente lembrar algum conteúdo de Educação Artística do seu “primário”. Tente avaliar quanto de sua relação com a arte hoje se deve ao que foi oferecido a você pela escola.

Não se assuste se suas respostas foram: “não lembro” ou “não tive”, “nada” e “zero”; a maioria das pessoas responderia da mesma forma.

Não importa se você, leitor, cursou Jardim, Pré-Primário, Primário, Ginásio e Colegial ou, se mais jovem, chame-os de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio; não importa se no “seu tempo” se chamava Educação Artística e hoje a “matéria” seja chamada de Arte<sup>2</sup>; a resposta, na maioria dos casos, persiste: o adulto fruidor/frequentador de arte — e o não fruidor, não frequentador — raramente relaciona sua vivência de arte, como cidadão, à convivência que com ela teve na escola.

Em outros campos do saber isso não aconteceria. Com a Matemática, por exemplo. Dificilmente as pessoas estudam matemática fora da escola,

1. Usamos aqui o termo genérico “professor”, que obviamente inclui todas as professoras. O uso dessa grafia — e não professor(a) — foi uma opção pela fluência de leitura e de forma alguma denota discriminação de gênero. A mesma observação vale para o uso de “aluno” para designar alunos e alunas; preferimos o uso de “estudantes”.

2. Utilizamos em toda esta publicação *Arte* para designar a disciplina escolar e *arte* ao nos referirmos ao conjunto de trabalhos, ideias e processos de produção artística no meio social.

salvo profissões que dela necessitam. Todo o conhecimento matemático que temos e utilizamos em nosso cotidiano provém da escola e sobre isso o meio de convívio social é bastante consciente, a ponto de, se alguém errar uma conta simples, provavelmente receberá como chacota: “opa, fugiu da escola?”. E essa chacota traduz exatamente o que todos sabem e pensam — é papel da escola ensinar matemática básica e a escola cumpre satisfatoriamente esse papel. Afinal, se alguém erra contas elementares, conforme reza o senso comum, é porque “fugiu da escola”. Já com a arte, a mesma relação não acontece. Por que será?

Ninguém diz que o outro “fugiu da escola” quando escuta barbaridades sobre artes visuais, ignomínias sobre dança, estultices sobre poesia, bobagens sobre música e ignorâncias sobre teatro. A escola, acredita o senso comum, “não tem nada a ver com isso!”. Será?

De fato, a Arte da/na escola e a arte frequentada ou não frequentada pelo cidadão adulto após sua escolarização pouco se comunicam. Ou pelo menos, a maioria das pessoas não as relaciona. Não importa a idade que tenham ou a escola que frequentaram. Para a maioria das pessoas, o vácuo que existe entre o ensino de Arte na escola e a frequência da arte na vida adulta permanece real e muitas vezes intocado.

Aqueles que frequentam arte, que encontram prazer na fruição de arte, normalmente construíram esse hábito por outras vias – das familiares às conjugais – que não as escolares. Aqueles que não frequentam arte e não encontram prazer na fruição de arte também não relacionam isso com as escolas onde estudaram.

Mais interessante ainda é notar que, para a maioria, frequentadores/fruidores ou não, sequer o nome “arte” faz parte de seu repertório. Gostam de canções, divertem-se com filmes, acompanham novelas, mas se lhes perguntássemos se gostam de arte, recuariam e possivelmente responderiam

que não — por vezes pensando apenas em pintura —, pois não relacionam suas atividades de lazer/fruição com a palavra arte, mesmo que tenham tido Arte como componente curricular. Vale lembrar que a maioria da população teve “Artes Plásticas” na escola, voltadas muitas vezes para o artesanato ou alguma produção simplória de desenhos e pouco frequentou museus ou exposições com seus professores.

É interessante pensar que todas as pessoas com escolarização básica no Brasil tiveram — ou deveriam ter tido — pelo menos uma aula de Arte por semana durante nove anos (oito anos no Ensino Fundamental e pelo menos mais um no Ensino Médio); nove anos! Atualmente, esses números aumentaram: são nove anos de Ensino Fundamental obrigatórios, o que nos traz, pelo menos, dez anos de Arte na escola. Se pensarmos em quarenta semanas letivas, chegamos a 360 ou 400 aulas de Arte para cada cidadão que completou o Ensino Médio, sem contarmos os possíveis anos de ensino de Arte na Educação Infantil ou cursos livres e oficinas paralelas à escola. O que realmente ficou?

Claro que a relação das pessoas com a arte ultrapassa as contribuições oferecidas pela escola. A relação que se estabelece com a arte diz também respeito a nossas vivências culturais cotidianas e a como exercemos nossa cidadania cultural, e isso diz respeito a políticas públicas, à valorização da arte pela sociedade civil, a um mercado da arte regido pelo neoliberalismo etc. Mesmo assim, vale perguntar: qual o papel da Arte na escola? Qual o papel da escola nas relações do cidadão com a arte?

Sabemos que essas perguntas nos conduzem a centenas de outras que se desdobram em outras e mais outras. Mas o que adianta ficarmos prostrados diante de tanta complexidade? Temos que começar a discutir algumas perguntas, mesmo que se desdobrem e ampliem nossos questionamentos. Essa é a proposta deste livro: perguntar, arriscar respostas,

perguntar, tentar dialogar, afirmar, propor, perguntar novamente, construir respostas, dialogar.

Queremos aqui estabelecer um diálogo que envolva a comunidade escolar em amplo espectro — professores, pais, estudantes, gestores — a respeito da Arte nas diferentes instituições de ensino e o papel de ambas (escola e sua comunidade) na arte produzida em sociedade.

Queremos neste livro também estabelecer diálogos com os atores sociais: gestões governamentais, patrocinadores, institutos, fundações, projetos sociais, classe política e artística que, direta ou indiretamente, dialogam com o ensino de Arte promovido pelas escolas formais e informais. Tendo em conta que todos são corresponsáveis pela Educação (não necessariamente pelo ensino), qual seria o papel da sociedade civil e da classe política em relação ao ensino de Arte nas instituições de ensino?

Acreditamos que a qualidade e o significado da Arte nas diversas formas de “escola” perpassam por esse necessário diálogo. Em geral, responsáveis pela direção e avaliação das “escolas” — a sociedade civil e as gestões governamentais ou institucionais — também pouco foram afetados pelo ensino de Arte que eles próprios tiveram em seus anos de escolarização. Gestores públicos, gestores de ONGs, de institutos, de organizações sociais que ensinam arte, também tiveram, muitas vezes, ensino precário de Arte nas escolas formais que frequentaram. Faltam vivências significativas, faltam olhares críticos, faltam leituras consistentes, faltam critérios claros para que o ensino de Arte possa ser monitorado e avaliado pela gestão e população em geral.

Estabelece-se aí uma triste circularidade responsável não só pelo questionável nível de ensino de Arte que encontramos hoje na grande maioria das instituições escolares no Brasil, mas também responsável pela imobilidade, pela rarefeita possibilidade de transformação. Ou seja, se o ensino de

Arte que tivemos em nossa escolarização formal não foi significativo, se passou em branco ou como uma “atividade de segundo escalão”, como vamos exigir hoje que a educação em/por meio da Arte que as escolas estão propondo às novas gerações seja significativa, presente, articulada, crítica? Entendemos que somente o diálogo crítico entre todos os atores do ensino de Arte pode nos apontar algum caminho.

Não seria um sonho presenciar uma reunião em que os pais cobrassem do diretor da escola de Ensino Médio que seu filho não conhece a relação do cubismo com a Guerra Civil Espanhola? Ou ainda que seu filho, no terceiro ano do Ensino Médio, não sabe distinguir uma “fluência livre” de uma “fluência controlada” em uma sequência de dança? Já pensaram em pais questionando a escola pelo fato de o filho, prestes a completar o Ensino Médio, não relacionar o movimento da Tropicália com a Semana de 22?

Nos artigos a seguir traremos ideias, sugestões e questões a respeito do trinômio Arte-Ensino-Sociedade, suas relações com a educação em/por meio da arte. Esperamos com isso contribuir para um diálogo mais amplo e ações mais consistentes na área de ensino de Arte nas escolas formais e também, claro, em outras instituições de ensino que dialogam com essas escolas.

Ninguém diz que o outro “fugiu da escola” quando escuta barbaridades sobre artes visuais, ignomínias sobre dança, estultices sobre poesia, bobagens sobre música e ignorâncias sobre teatro. A escola, acredita o senso comum, “não tem nada a ver com isso!”. Será?

A relação que se estabelece com a arte diz também respeito a nossas vivências culturais cotidianas e a como exercemos nossa cidadania cultural, e isso diz respeito a políticas públicas, à valorização da arte pela sociedade civil, a um mercado da arte regido pelo neoliberalismo etc. Mesmo assim, vale perguntar: qual o papel da Arte na escola? Qual o papel da escola nas relações do cidadão com a arte?